Primeiro, agradeço à minha família, mulher, filhos, irmã…
E também aos amigos queridos, que durante toda a minha vida
estiveram ao meu lado, nos bons e nos maus momentos.
A minha existência tem nuances *de conselhos e de experiências,*
e até de exemplos, daqueles que me rodeiam e me amam,
da mesma forma como eu os amo.

Sou um homem realizado graças a todos estes seres humanos que me
acompanham nesta jornada a que chamamos vida!

Obrigado,



SUMÁRIO

Prefácio, por José Raposo 11

Olhos de Água 13
Setúbal como ponto de partida.

Sou Português 21
De Caes de Cima à Argentina: as voltas da minha família.

Mãe (Três Letras de Saudade) 31
O amor proibido dos meus pais.

Carrossel de Loucura 43
A infância e as influências espanholas de Aiamonte.

Quero Que Sejas minha Amante 57
O palco e a música a moldarem-me a identidade.

Estupidamente Apaixonado 71
A morte precoce da minha primeira namorada.

Rosa Negra 81
O Portugal dos anos 80 e a emigração para a Alemanha.

Tu já não És Tu 101
Quando António Ferrão passa a Toy, e o regresso a Portugal.

Vou Chorar outra vez 111
As colaborações com outros artistas e um caminho para seguir.

Do Lado do Amor (Isto É Paixão) 127
O processo criativo, os sucessos musicais e a ligação ao público.

És tão Sensual 139
O corpo, o desporto, o futebol, o Vitória.

Coração não Tem Idade (Vou Beijar) 151
A minha consciência política, social e ideológica.

Verão e Amor (Cerveja no Congelador) 161
A preparação dos concertos e a banda com quem canto e toco.

Chama o António 169
As experiências televisivas e a minha imagem pública.

Aguenta-te com Esta 179
Mensagens de família e amigos

Agradecimentos 193

PREFÁCIO

Tenho a sorte de ser amigo do Toy! É fácil ser-se amigo dele, porque ele adora pessoas e faz amizades com toda a naturalidade! Conheci-o nestas andanças artísticas. Tenho ideia de nos termos cruzado no Parque Mayer, pelos anos 80, e de ele, com a sua espontaneidade e esfuziante alegria, me ter contagiado, e à Maria João, como contagiava quem lhe aparecesse pela frente! Lembro-me de nos ir ver à revista, ao Maria Vitória, e de ele, da plateia, interagir connosco! Ou seja, houve um belo dia em que, durante um número, eu, do palco, disse ao público que o Toy estava na plateia — no espetáculo de revista permite-se que se quebre a quarta parede, que se interaja com o público —, e ele, automaticamente, começou a cantar com o seu vozeirão, fazendo uns versos improvisados logo ali, no momento, alusivos à revista, a mim, à João e ao Maria Vitória! A partir daí, em todas as revistas em que entrássemos, o Toy tinha o seu momento do improviso da plateia, que o público adorava, e nós também!

Nestes tempos de agora, por exemplo, ele pertence a uma tertúlia de amigos criada por mim, e é ponto assente que há sempre o momento do Toy, em que ele improvisa versos relativos ao nome de cada um dos tertuliantes…

O Toy tem uma graça natural incrível, um sentido de humor que anima bem qualquer grupo, seja qual for a classe etária ou social, e é, acima de tudo, uma boa pessoa, com princípios e valores de uma dimensão humana superior!

O seu contributo para com a música portuguesa tem que ver com o facto de ele ter uma cultura musical que, justamente, abrange vários estilos, chegando por isso a vários públicos… O Toy não tem qualquer tipo de preconceito musical! Trata-se de um indivíduo com uma enorme cultura geral, e que se posiciona politicamente. Ainda recentemente, no dia 24 de abril, durante a gala dos Prémios Play, disse: «Nunca digam que a cultura e a política não se misturam»; atacou Netanyahu e Donald Trump, e apelou explicitamente ao boicote ao Festival Eurovisão da Canção! Eu gosto muito do Toy, e acho que é esse também o sentimento do nosso povo!

JOSÉ RAPOSO



Olhos de Água

SETÚBAL COMO PONTO DE PARTIDA.

Olhos d'água

Olhos d'água
Não deixa de sentir
Olhos d'água
Não pode desistir
De procurar
O outro lado
P'ra completar o sonho impossível
De amar

Setúbal. Se eu fosse contar a minha vida num livro, talvez não me fosse possível escolher outra palavra para começar que não fosse «Setúbal». E, reparem bem, até a palavra, ela própria, é bonita; não faço ideia se sei ao certo o que significa — lembrei-me disto mesmo agora, e vou precisar de confirmar: ah, isso mesmo, vem de Cetóbriga, nome romano, que depois terá evoluído com os Árabes para Xetubr, que era o que chamavam ao Sado, e daí para Setúbal. Seja lá de onde vem o nome, Setúbal, para mim, é algo que vem de dentro, uma associação imediata de personalidade, profunda, quase visceral, como um reflexo que brota da alma.

Claro que a primeira palavra deste livro também poderia muito bem ser «música», sem qualquer problema. A música é, afinal, a linguagem que melhor traduz o que sinto e o que sou. Não se preocupem, pois muito se escreverá sobre música nas páginas seguintes.

Gosto de pensar, porém, que o Toy que as pessoas conhecem começa verdadeiramente na cidade de Setúbal e termina em música, com tudo o que se desenrola entre essas duas fronteiras, com

tudo o que me atravessa a alma, a transforma e a define. Assim, começo por Setúbal, pois, porque só assim me situo, só assim acho que consigo encontrar-me. Ao falar da cidade a que pertenço, afinal, torna-se mais fácil traçar o mapa do resto da minha vida, como se cada rua, cada esquina, cada brisa que sopra da Arrábida fosse um fio condutor que me leva de volta às minhas raízes, ao meu ponto de partida.

Começar por Setúbal, esta cidade de rio e mar ao lado, de história entranhada nas pedras das suas ruas, de pessoas que carregam nos olhos a luz da baía e nos gestos a calma das águas que a rodeiam, é como apoiar os pés na Terra e sentir que, por mais longe que vá, há sempre um lugar que me chama de volta. É a cidade dos ventos que trazem o perfume salgado da baía, daquele fresco que desce da serra e abraça as ruas, daquela cor azulada que se espalha no horizonte e que, miraculosamente, parece permanecer intocada pelo tempo.

É em Setúbal que me reconheço, é lá, um «lá» que para mim é quase sempre «aqui», de onde vos vou contar tudo isto, que me sinto inteiro. Só assim, começando por Setúbal, posso falar sobre sobre tudo o que se segue, sobre tudo o que sou e tudo o que ainda hei de ser.

Alguns julgam-na apenas mais uma cidade, um ponto qualquer no mapa, mas não é. Setúbal é única, talvez como todas as cidades são únicas para quem as chama de lar. Compreendo que todos sintam o mesmo sobre os lugares de onde vêm, mas guardo para mim a vontade de insistir numa característica que considero singular: o seu enquadramento geográfico, que é ao mesmo tempo belo, natural e imutável.

Por mais edifícios que se construam, por mais que o tempo avance e a modernidade se insinue, a cidade permanece igual, com as suas ruas e esquinas impregnadas de tradições que ainda ecoam nas vozes dos mais velhos, nas festas populares, nos cheiros que emanam das tascas à beira-rio.

Setúbal é pobre, sim, porque pobre é o país, mas é o que é, e há uma beleza nessa autenticidade, nessa resistência silenciosa. É um pedaço do coração de Portugal, que se estende através das suas gentes, do seu mar, do seu silêncio que fala mais alto do que qualquer palavra.

Bem sei que as coisas mudam, que as cidades se vão transformando com o tempo, que os lugares crescem, e que às vezes evoluem. E tantas vezes, lamentavelmente, se confunde isto em Portugal, o crescimento e a evolução, sendo o primeiro conceito geralmente desregrado, meio perdido, sempre virado para o alargamento, para fora; enquanto o segundo é precisamente o contrário, a meu ver, ordenado, pensado, centrado, permanentemente orientado para dentro.

Dizia eu, não querendo perder-me nestas ideias que me chegam e que às vezes tentam desviar-me, que as cidades mudam e que eu compreendo isso. Não tenho essa ilusão bacoca das permanências, das proteções eternas, das imutabilidades. Há uma Setúbal que é a que levarei sempre comigo na cabeça para todo o lado, e há a Setúbal dos outros, que a verão de maneira diferente.



Poucas coisas são hoje, ademais, o que eram quando eu era miúdo. Eu, desde logo, sou uma coisa diferente, uma pessoa diferente. Lido incrivelmente bem com isso, dentro dos meus tradicionalismos, dentro dos meus gostos e prazeres, das coisas de que não abdico, que fazem parte de mim.

A cidade de Setúbal mudou profundamente desde os anos 70, quando eu era adolescente, até aos dias de hoje. Era então marcada por uma forte presença industrial, especialmente nas pescas, na indústria das conservas, na indústria naval. O ambiente

que se sentia então era áspero, oleoso, marcado a sério por um estilo de vida operário, de horas rígidas de entradas e saídas de fábricas, de famílias encontradas ao jantar, nessas conversas, e dores, e problemas, e contas, e chatices partilhadas nas mesas das cozinhas, onde os pratos de massa, e ovos, e carne, e peixe frito, e couves, e feijão, e tintos daqueles que deixam marcas nos copos se iam comendo e bebendo. Era uma cidade, então, antes da grande politização que lhe chegou, bem como a todo o lado no pós-25 de Abril, com uma dimensão consideravelmente reduzida, com infraestruturas sociais e culturais um bocadinho limitadas e um centro urbano menos desenvolvido.

Hoje, Setúbal apresenta-se como uma cidade realmente mais moderna e mais diversificada. O setor industrial perdeu peso, muito peso, dando lugar ao crescimento dos serviços, turismo e comércio. Com isso, mudaram os ritmos das famílias, as horas de entrar e sair, os próprios locais de trabalho, os ambientes familiares, os ambientes dos bairros, as relações entre vizinhos. A zona ribeirinha da cidade e o centro histórico foram requalificados, são hoje espaços atrativos tanto para moradores como visitantes, mas parecem-me sempre mais vazios do que antes quando por lá passo. Nem sei, confesso, dizer bem porquê. Parece que os turistas não enchem as cidades como são capazes de fazê-lo as pessoas que lá vivem. E o Parque Natural da Arrábida e o estuário do Sado passaram, reconheço, a ativos verdadeiramente valorizados, integrando uma nova consciência ambiental, coisa que antes não era bem assim. Nisso, e numa certa expansão urbana, numa melhoria nas acessibilidades, num incremento de ligações rodoviárias e ferroviárias, reconheço que Setúbal está melhor.

E na cultura? Afinal, a cultura, a música são áreas do meu especial interesse, quer como consumidor quer como espectador, quer como músico quer como artista, como figura pública. Setúbal evoluiu de uma oferta limitada para uma programação diversificada, que já inclui festivais, exposições e eventos ligados

à identidade local com bastante frequência. Mas também aí, na cultura, a transição do que era para o que é foi evidente: passou de uma popularidade de clube, de associação, de bairro, para uma dimensão mais organizada, mais profissional, às vezes mais distante e nem sempre tão rica quanto acho que poderia e deveria ser.

Mas lá chegaremos, a tudo isso, mais para a frente neste livro que ouso publicar, assim, pela primeira vez na vida, com o verdadeiro peso das palavras, das coisas que ficam, que guardam um certo peso nas páginas. Há qualquer coisa de mágico nisto de olhar para trás e de deixar contado, relatado. Tem ao mesmo tempo, se me concedem, só por um instante, este privilégio de parar um bocadinho e de pensar nisto, o peso de uma despedida, porque uma biografia que se preze, acho eu, só pode ser feita depois dos sessenta anos, e com isso há também, não diria uma sensação de despedida, porque estou longe de ir-me embora ou de deixar de fazer o que faço, mas uma espécie de aceno melancólico para o que já passou, para o que já não volta. É a consumação de uma verdadeira certeza que nos chega talvez só com esta idade que agora tenho: a maior parte das coisas que fazemos na vida só podemos fazê-la, realmente, uma única vez. Quase nada se repete. Parece lapalissiano isto, claro que sim, bem sei, contudo o que quero dizer é que esta consciência não a temos quando somos mais jovens, porque achamos sempre que vamos voltar a ver determinada pessoa, vamos voltar a um qualquer lugar onde estamos ou por onde passámos, que vamos, seguramente, voltar a sentir uma determinada emoção ou um certo sentimento. Sim, achamos isso, e o tempo vai passando e quando chegamos, como então mencionei há instantes, à idade que felizmente tenho, olhamos para trás e as repetições são poucas.

Esta biografia tem, continuando, igualmente uma verdadeira sensação de futuro, por estranho que possa parecer, pois também

é um balanço, uma espécie de «ora bem, deixa-me lá então sentar nesta mesa da cozinha, com um copinho de tinto bem fresquinho ao lado do computador e do bloco de notas, e pensar no que raio tenho andado a fazer com a minha vida». E desse balanço, creio, será fácil tirar conclusões, ver o que me falta, ver para onde vou a seguir.

Setúbal, se me permitem, então, esta primeira palavra para a minha biografia, é o princípio e o fim, o ponto de partida, e o porto incrivelmente seguro. É por aqui que começo a minha história, porque é aqui que ela ganha sentido. E se esta história vai seguramente terminar em música, pois que assim seja, porque a música é a linguagem que melhor traduz o que a minha cidade me ensinou. Setúbal é um estado de alma. É uma cidade que, no meio das agitações e dos barulhos da minha vida, daquela que é realmente a minha, nas minhas portas fechadas, ou naquela mais pública, aquela dos espetáculos e ecrãs; é uma cidade que me oferece sempre alguns silêncios. Como aqueles de que a música também precisa, afinal.

Costuma dizer-se, de um qualquer bairro ou cidade com o qual nos sintamos perfeitamente identificados, que se pode tirar o homem do local, mas nunca o local do homem, certo? No meu caso, poder-se-ia dizer que se pode tirar este homem de Setúbal, mas que nunca se poderá tirar Setúbal deste homem. Seria isso? Não, na verdade, no meu caso, isto não faria qualquer sentido. Por uma razão bastante simples: nunca alguém tirou ou tirará, sequer, este homem de Setúbal.